

RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA ALUNOS SURDOS BILÍNGUES

Bruna Fagundes Antunes Alberton
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
brunafantunes@gmail.com

Fernando Henrique Fogaça Carneiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
fernando.carneiro@ufrgs.br

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo relatar experiências dos autores como professores de Matemática de alunos surdos. Durante o texto, contamos com mais detalhes sobre uma prática e um projeto realizados em uma escola de surdos de Porto Alegre com foco no ensino de Matemática para alunos do Ensino Fundamental, respectivamente, levando em consideração a cultura dos alunos e a realidade bilíngue em que vivem. Após cada relato, com base no desfecho do experimento, reforçamos os motivos pelos quais a utilização de métodos que valorizem a visualidade e o uso de materiais concretos no ensino da Matemática são tão prezadas na educação de surdos.

Palavras-chave: Educação de surdos; Educação matemática; Libras; Escrita da língua de sinais.

1. Introdução

Em outros lugares, em outros tempos, com outras perspectivas, analisamos algumas estratégias de ensino utilizadas por professores de matemática para alunos surdos bilíngues¹ (ALBERTON; CARNEIRO, 2012, 2014; CARNEIRO, 2013). Alguns apontamentos nestes trabalhos traziam enunciações, emergidas através de uma série de contingências, transpassadas por uma rede de saberes e poderes, com incontáveis fios. Com outros olhares, nos permitimos revisitar algumas dessas produções e trazer alguns elementos que julgamos importantes dentro dos campos da Educação Matemática, dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos.

Em nossa caminhada como pesquisadores nas áreas da Libras e da Matemática, presenciamos diversas tentativas de “lidar” com o ensino da Matemática para alunos surdos. Nas falas dos professores, percebíamos que as dificuldades expressas não estavam

¹ Neste caso, alunos que têm a Língua Brasileira de Sinais como língua de instrução ou primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2).

relacionadas ao conhecimento matemático, mas à dificuldade de comunicação e às diferenças dos alunos. Nesses relatos, nenhum dizer se aproximava do fato de que os alunos estavam em outro contexto cultural, de que os surdos nascem e vivem em um território bilíngue e se apegam principalmente no sentido que lhes é mais útil: a visão (KARNOPP, 2004). Por isso, antes de apresentar nossos relatos de experiência, botamos em foco o sentido da visão e o papel da língua de sinais na vida do surdo, enquanto mostramos alguns marcadores culturais desse grupo.

Os Estudos Culturais constituem um campo teórico o qual estuda as diferentes culturas, entendidas aqui como “ferramenta[s] de transformação” (STROBEL, 2008, p. 18), capazes de constituir formas de vida, fazer emergir as *diferenças*. Autores como Skliar (2008), Silva (2003) e Hall (1997), afirmam que os sujeitos de uma mesma comunidade têm suas características particulares, suas diferenças, ainda que participem das mesmas atividades. Dentro deste grupo, fortalecem seus direitos e compartilham suas experiências e suas informações. Dentro dos Estudos Culturais, tais autores utilizam conceitos como identidades, subjetividades, relações de poder, representação, alteridade e diferença. Neste campo, é possível conectar a educação com várias formas de expressão, dentre elas as literaturas, os filmes, os programas de televisão e outros, considerados artefatos de produção, como explicam Costa, Silveira e Sommer (2003):

Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de *rock*, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas. (p. 38)

Ao refletir sobre Estudos Culturais na Educação, tomando algumas ideias de Michel Foucault, entendemos que as culturas, as comunidades e as lutas constituem o lugar no qual vivemos na sociedade atual. Nos remetemos às relações de poder, as quais se entrelaçam numa trama de enunciados, que por sua vez regulam os discursos sociopolíticos, socioculturais, etc. Um exemplo é a mudança do plano e da proposta sobre educação de surdos. Hoje, em uma perspectiva da educação bilíngue para surdos², seguindo na esteira dos Estudos Culturais, são levados em consideração os aspectos culturais, políticos e sociais no ensino de surdos, o qual ocorre através da Libras, possibilitando outras maneiras de aprender, refletir, experimentar.

² A educação bilíngue para surdos prioriza a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como modalidade visoespacial. Esta proposta exige a Libras em todas as disciplinas, mesmo no ensino da Língua Portuguesa escrita.

2. Língua de Sinais, Cultura e Linguagem

Apesar de estarmos, neste ensaio, trazendo alguns relatos de experiência da nossa prática docente, julgamos importante trazer alguns conceitos dos Estudos Culturais em Educação. Longe do objetivo de usar todas as ferramentas oferecidas por esse campo, pegamos algumas que nos são úteis para o aporte teórico e operações metodológicas, enquanto nos distanciamos dessa caixa de ferramentas ao falar das nossas práticas docentes e nossas observações pessoais, ainda que cientes da nossa posição enquanto professores e pesquisadores, bem como suas implicações. Nesse primeiro momento, falaremos um pouco sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e mais detalhadamente sobre a nossa concepção de cultura.

Sobre a língua de sinais, Lopes e Veiga-Neto (2010) a identificam como um *marcador cultural* dos surdos, um elemento importante na sua constituição enquanto sujeitos. Para os autores, ao contrário de marcas negativas – que hierarquizam e estereotipizam – e de marcas positivas – que servem de modelo em favor da normalização e docilização –, os marcadores culturais são traços fortemente vinculados à visão do outro sobre si, nesse caso sobre o ser surdo. Essa percepção acaba por evidenciar diferenças, constituir o sujeito como marcado pelo outro, diferente do outro.

Em outro lugar, Lopes e Veiga-Neto (2006) afirmam que a língua é a principal marca da diferença e da cultura surdas, é a representação da comunidade surda. Segundo os mesmos autores, na obra citada anteriormente, cultura surda pode ser entendida como “um conjunto de práticas capazes de ser significadas por um grupo de pessoas que vivem e sentem a experiência visual [...] de uma forma semelhante” (2010, p. 122). Nesse sentido, é possível identificar o uso da língua de sinais como prática da cultura surda, assim como outros marcadores elencados por Lopes e Veiga-Neto (2006; 2010): a constante luta por reconhecimento, a exaltação à comunidade surda, a exaltação ao sujeito surdo, etc.

Por ser uma parte importante da cultura surda, falaremos mais aprofundadamente da língua de sinais. Ela é a língua natural dos sujeitos surdos e foi se desenvolvendo dentro das comunidades surdas com o passar dos anos; difere-se da língua oral por ter uma modalidade visuo-espacial, ou seja, composta de expressões faciais e corporais (QUADROS e KARNOPP, 2004). Hoje, a Libras é reconhecida como primeira língua dos surdos brasileiros,

tendo a Língua Portuguesa – na modalidade escrita – como segunda língua³. Ao falarmos de educação de surdos, a nível político, a Libras se configura como instrumento fundamental de comunicação para o ensino; a nível pedagógico, existem ainda outros fatores que podem ser levados em consideração, tais como cultura, identidade, alteridade, diferença, enfim, os diferentes modos de ser surdo, como caracteriza Thoma (2013) a seguir:

O que é ser surdo? A ausência da audição é condição suficiente para dizermos que um sujeito é surdo, do ponto de vista cultural? Os surdos são homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais... são negros, índios, brancos, ocidentais ou orientais... são pobres, ricos, trabalhadores ou desempregados... são honestos ou nem tanto... vivem em situação de dependência dos ouvintes ou são livres e independentes. São tantas condições de ser surdo quantas forem as possibilidades existentes (p. 3)

Logo, existem surdos com diferentes características – assim como qualquer outro sujeito –, porém tendo como principal diferença a ausência da audição. Além dos surdos sinalizantes (usuários da língua de sinais e constituídos dentro da cultura surda), existem alguns sujeitos que são surdos (por não possuírem audição), mas que não se identificam com a língua de sinais e a cultura surda. Preferem utilizar seus resquícios auditivos para distinguir alguns sons e fazem tratamentos fonoaudiológicos a fim de se adaptarem ao mundo ouvinte, tendo a oralização como principal meio de comunicação. Para estes sujeitos que não possuem a audição, não se apropriaram da língua de sinais e, conseqüentemente, não se identificam com a cultura surda, talvez algumas das experiências que relataremos a seguir não seja significativa, pois eles estão inseridos em outro meio cultural⁴.

3. Espaço escolar e perfil dos alunos investigados

Existe ainda muitas discussões acerca do lugar mais adequado para o ensino do aluno surdo: inclusão em escola comum; escola especial para surdos; escola bilíngue para surdos. Esse fato pode ser percebido, dentre outros lugares, nos documentos oficiais do governo brasileiro, em especial a legislação vigente. Apoiados nos argumentos de Thoma (2011, p.139), tomamos a escola comum de surdos como pressuposto, pois

³ Vide Lei 13.146, Lei 10.436 e Decreto 5.626.

⁴ Há alguns anos, se utilizava as palavras “Surdo” e “surdo” para diferenciar pessoa que não possui a audição (surdo) de pessoa que não possui audição e também se identifica com a cultura surda (Surdo). O objetivo era apagar o termo “deficiente auditivo”, considerado depreciativo. Hoje essa diferenciação caiu em desuso e utilizamos apenas “surdo” para se referir ao usuário da língua de sinais que construiu sua identidade dentro da comunidade surda. Logo, os sujeitos descritos neste parágrafo não são considerados surdos do ponto de vista cultural, apenas do ponto de vista anatômico.

para que as crianças surdas tenham uma efetiva aquisição da Libras e um desenvolvimento lingüístico e cognitivo que lhes possibilite uma escolarização de qualidade, a educação bilíngüe para surdos em turmas específicas ou em escolas de surdos, na educação infantil e anos iniciais, segundo muitas pesquisas apontam, parece ser mais indicada.

Tecemos nossas observações dentro desse contexto apenas, visto que estamos relatando metodologias voltadas especificamente para surdos sinalizantes e que talvez não sejam interessantes para surdos incluídos ou ouvintes. Longe de tentarmos engessar tais práticas, não pretendemos as interditar, limitar a somente esse grupo, entretanto ressalvamos que os métodos apresentados a seguir foram elaborados com foco em alunos de escolas de surdos. Além disso, é importante perceber que a escola de surdos, assim como qualquer outra escola, continua exercendo seu papel regulador, fábrica de sujeitos dóceis, disciplinados e civilizados, instituição normalizadora – ainda que gerando uma normalidade diferente da ouvinte; uma normalidade surda, onde os marcadores culturais são disseminados e postos em ação (LOPES e VEIGA-NETO, 2010).

Neste ensaio, discutiremos sobre práticas educacionais e projetos realizados em uma escola de surdos localizada na cidade de Porto Alegre. Apesar de em seu nome estar registrado “escola especial para surdos”, a metodologia adotada é essencialmente bilíngüe, onde a primeira língua (a língua de instrução) é a Libras e a segunda língua, ensinada a partir da primeira, é o Português na modalidade escrita. Os alunos surdos – público alvo da nossa investigação – vieram da grande diversidade cultural e social descrita anteriormente. Ainda que existam alguns alunos com condições de pagar a mensalidade da escola, a maioria possui bolsa de estudos integral, ofertada pelo município, pelo estado e/ou pela mantenedora da instituição. Além disso, por ser uma escola especial, alguns dos alunos apresentam questões como Síndrome de Down, TDAH e/ou outras questões físicas e intelectuais.

4. Didática no ensino da matemática para surdos

Nesse momento, nos permitimos assumir uma escrita mais crítica, trazendo opiniões pessoais e deixando de lado alguns instrumentos já usados da caixa de ferramentas pós-críticas, enquanto respiramos os mesmos ares da oficina de onde saímos.

Acreditamos que o ensino da Matemática tem por objetivo – além de desenvolver a linguagem matemática propriamente dita – criar relações entre o abstrato lógico-matemático e

o concreto vivenciado no cotidiano. A transição do concreto para o abstrato é um passo delicado – especialmente para o surdo, pois sua percepção de mundo é fortemente permeada pela sua “experiência visual”, ou seja, há uma grande valorização de tudo o que pode ser capturado pelos olhos, pelo sentido da visão (STROBEL, 2008). Desse modo, a Libras e as atividades concretas parecem estar privilegiadas no ensino da Matemática para alunos surdos, capazes de proporcionar um melhor entendimento da linguagem matemática e um bom desenvolvimento do raciocínio lógico e do pensamento filosófico. Tendo uma base visual firme, o aluno surdo pode construir seu conhecimento abstrato mais facilmente.

Em se falando de materiais e práticas, vemos no trabalho de Borges e Costa (2010) o seguinte: “[...] utilizar uma diversidade de materiais que privilegiem mais a experiência visual dos alunos, pois, caso a aula seja transmitida apenas por meio da escrita na lousa, o ensino não será satisfatório no caso dos surdos.” (p. 575). Nós (autores) temos por hábito iniciar o ensino de assuntos novos com exemplos, atividades ilustrativas e/ou materiais didáticos. Os materiais, atividades ilustrativas e jogos são bem variados, alternando cores, formas e figuras diversas, a fim de chamar a atenção dos alunos através da experiência visual. Também costumamos colocar cartazes com informações nas paredes da sala, para que possam visualizá-las ao invés de retomá-las de forma abstrata.

Outra ferramenta interessante é o computador, pois dá acesso à imagem e facilita o acesso do aluno à sua memória visual. Os jogos virtuais podem ser um instrumento de motivação para que o aluno se sinta desafiado a racionar e aprender com os seus erros; tentar corrigir seus próprios erros apropriando-se do conhecimento por meios visuais. Citamos aqui uma animação em flash chamada “Campeões da Matemática”, onde o jogador tem algumas opções de jogos visuais para trabalhar determinadas operações com números naturais e racionais.

Com frequência adaptamos atividades para que estejam no contexto educacional dos alunos. Um dos projetos desenvolvidos na escola, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e outra escola municipal de surdos de Porto Alegre, é uma oficina de jogos lógicos, onde alguns dos alunos se encontram no contraturno junto com alguns monitores vindos da UFRGS para aprenderem as regras e manipularem atividades como jogo da velha, xadrez, jogo da onça, etc. Esse projeto vem de encontro com o que Borges e Nogueira (2013) colocam:

A exploração de materiais manipuláveis, por exemplo, é bem vista no ensino de Matemática, não como um momento de lazer, mas, sobretudo, de aprendizagem. O que devemos considerar ao adotar o uso destes materiais, é um planejamento de ensino que, acima de tudo, privilegie o ensino de Matemática como finalidade principal. (p. 52)

Por fim, o trabalho com problemas matemáticos com surdos é um pouco diferenciado. Como a Língua Portuguesa é segunda língua, os surdos têm um pouco de dificuldade para compreender os enunciados das questões, quando registradas na modalidade escrita. Inicialmente tentávamos fazer problemas simples e descritos com poucas palavras para que os alunos conseguissem entender claramente o que foi pedido. O problema dessa prática é que não estaríamos desenvolvendo a interpretação da Língua Portuguesa, nem como segunda língua. Estaríamos deixando de lidar com uma escola bilíngue. Essa foi a questão que motivou uma mudança na prática de ensino da matemática, discutida a seguir.

5. A utilização da escrita de língua de sinais na sala de aula

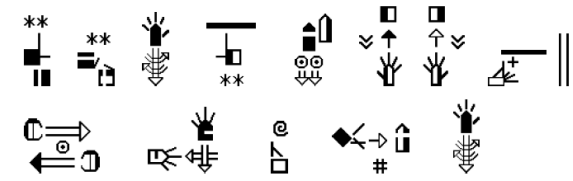
Está claro na legislação que a Língua Portuguesa deve ser ensinada na modalidade escrita como segunda língua para os alunos surdos. Subentende-se que o compromisso do cumprimento das disposições acima não é exclusivamente do professor de Língua Portuguesa. Entende-se, então, que em uma escola bilíngue o ensino da Língua Portuguesa escrita é compromisso de todo o corpo docente, da maneira que for possível dentro de sua área de atuação.

O grupo de trabalho designado pelo Ministério da Educação para discutir políticas educacionais bilíngues para surdos publicou em seu relatório oficial as metas do ensino bilíngue para surdos, dentre elas “garantir que a criança surda aprenda a ler e escrever na Libras, como forma de consolidar a relação com a escrita” (2014, p. 19, grifo nosso). Tendo todas essas informações em mente, foi iniciado em Outubro de 2013 pelo professor-autor, em conjunto com os professores de LS da escola, um trabalho de utilização da Escrita da Língua de Sinais (ELS) dentro no contexto escolar nos diversos momentos e espaços da instituição.

A ideia inicial era escrever, junto das ordens dos exercícios – inicialmente das turmas do ensino fundamental final da escola, as quais o professor-autor era ministrante –, a tradução em ELS das frases em português. A orientação dada aos alunos era de que eles deveriam ler o enunciado em português e, caso não compreendessem o que lhes era pedido, que lessem a tradução em ELS, tendo ela como forma de apoio. Essa orientação foi importante para que os alunos não achassem que teriam sempre em qualquer espaço a ELS disponível para eles: era

um apoio utilizado dentro da sala de aula para auxiliar na compreensão da Língua Portuguesa, e essa sim estaria presente em todo o território nacional.

3) Uma loja está fazendo uma grande promoção e está dando desconto em todas as roupas. Complete a tabela de preços durante a promoção:



Produto	Preço antigo	Alteração	Preço novo
Camisa	R\$ 20,66	23%	
Camiseta	R\$ 19,90	15%	

Figura 2 – Utilização da ELS em sala de aula⁵

Fonte: Próprio autor

Com o tempo, a iniciativa utilizada na aula de matemática foi chamando a atenção dos demais professores e funcionários. A ELS aparecia com mais frequência nos cartazes e dentro das salas de aula. No ano seguinte, em 2014, dada a alta procura, um curso de extensão de ELS entrou no quadro de cursos oferecidos pela escola – aberto ao público, mas voltado principalmente para professores e funcionários da escola. Cabe destacar que a direção da escola sempre demonstrou apoio à prática, encorajando fortemente a utilização da ELS em todas as disciplinas e séries.

Essa aproximação da Língua Portuguesa em escrita e da língua de sinais parece mostrar que, na educação de surdos especialmente, não é possível se voltar completamente para o ensino da matemática, mas buscar outras ferramentas e trabalhar de forma interdisciplinar. O apoio dos professores de Libras e da direção foram fundamentais para a execução da prática: dos professores de Libras por ensinarem a ELS aos alunos e da direção por permitir e encorajar a realização da experiência.

Essa prática trata mais de aspectos linguísticos e de interpretação de texto. Mas também existem outras particularidades quando queremos trabalhar a Matemática propriamente dita com os alunos, assunto discutido a seguir.

⁵ Normalmente a ELS é escrita verticalmente para uma total compreensão da narrativa, podendo ser ainda mais rica em detalhes. Nessa prática, foi feita a opção de escrever numa linguagem simplificada e no mesmo sentido da escrita da língua portuguesa para haver uma relação mais simples entre as duas.

6. Atividade lúdica no ensino da Matemática

Pensando em estratégias para a melhor aprendizagem da matemática, foi elaborado pela professora-autora um projeto que abordasse uma prática do cotidiano que envolvesse matemática: a ida às compras. Assim, no mês de agosto de 2012 foi realizado na mesma escola de surdos o projeto denominado “Mercado Público”, contemplando as duas turmas de quinta série e envolvendo as duas professoras responsáveis pelas turmas, entre elas a professora-autora. Dessa forma os alunos puderam experimentar uma prática do dia-a-dia dentro da escola.

No primeiro momento, os alunos procuraram os produtos que poderiam ser comercializados em revistas e folhetos de supermercado e os recortaram. Depois, organizaram os produtos, separando-os em grupos de *hortifruti*, de bebidas, de produtos de limpeza, de carnes, de salgados, entre outros, escrevendo os preços de cada um logo abaixo dos mesmos. No segundo momento, os próprios alunos eram responsáveis pelas vendas dos produtos. Dessa forma, eles poderiam desenvolver sua habilidade de cálculo mental e criar conhecimento sobre o sistema de compra e venda. Havia também visitantes (alunos das outras turmas), os quais pegavam uma quantia de dinheiro falso e pegavam os produtos que achavam mais atrativos, como clientes. Após, iam ao caixa (comandado pelos alunos das quintas séries), mostravam os produtos escolhidos e pagavam. Dessa forma, experimentaram como funcionava o trabalho que eles fizeram de maneira lúdica em sala de aula no mundo real. O objetivo do projeto era que o aluno se sentisse desafiado a manusear o dinheiro e fazer transações financeiras efetivamente, sem a necessidade de ter outra pessoa junto dele.

Desse projeto, percebemos que os alunos se sentiram motivados a aprenderem Matemática para que pudessem atender de maneira eficiente e justa os seus clientes. Foi uma oportunidade para um aprendizado ativo do aluno e uma valorização de cada um como agente modificador da sociedade. Assim, além do possível aprendizado matemático, o projeto também proporcionou um desenvolvimento da cidadania de cada participante.

O ensino de Matemática para surdos pode destacar o resgate dos valores da comunidade surda, instigando o crescimento do aluno surdo, estimulando construção de identidade do aluno surdo, propondo desafios, incitando à pesquisa de novos conhecimentos. Trabalhar com estratégias contextualizadas dentro da realidade, trabalhar conteúdos matemáticos através da Libras, trabalhar com atividades e materiais didáticos, respeitando a cultura surda e a identidade surda na sala de aula da Matemática pode ser interessante para o desenvolvimento do aluno.

7. Considerações finais

Percebemos que esses experimentos descritos acima foram marcantes para nossos alunos, pois eram diferentes do que eles estavam acostumados a viver dentro da escola e até dentro do seu cotidiano. Procuramos mostrar que a Matemática pode ser compreendida e que também faz parte da realidade dos alunos em diversas situações que eles vivem todos os dias, sem perceber.

As nossas experiências pessoais como professores de Matemática para surdos nos marcaram positivamente, e é por isso queremos mostrar nosso trabalho para que todos possam conhecer mais sobre educação de surdos, as infinitas possibilidades que a Libras oferece e a realidade dos alunos surdos que diariamente convivem com duas línguas e que têm suas próprias cultura e identidade.

8. Referências

ALBERTON, B. F. A.; CARNEIRO, F. H. F. A construção do currículo de Matemática para surdos na perspectiva dos estudos culturais. In: **XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES**, 2013, Rio de Janeiro. Anais do Congresso: a educação de surdos em países de língua portuguesa, 2013.

_____. Estratégias de ensino de matemática para surdos a partir da percepção visual de alunos surdos bilíngues. In: **Jornada Nacional da Educação Matemática**, 5, 2014, Passo Fundo. Anais do Congresso. Passo Fundo, 2014.

BORGES, Fábio Alexandre; COSTA, Luciano Gonsalves. Um estudo de possíveis correlações entre representações docentes e o ensino de ciências e matemática para surdos. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 567-583, set./dez., 2010.

BORGES, Fábio Alexandre; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Uma Panorama da Inclusão de Estudantes Surdos nas aulas de Matemática. In: NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius (org.). **Surdez, inclusão e matemática**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2013. (p. 43-70).

CARNEIRO, F. H. F. **Estratégias didático-metodológicas utilizadas no ensino de matemática para alunos surdos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso)

COSTA, Maria Vorraber; SILVEIRA Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>>.

GRUPO DE TRABALHO DESIGNADO PELAS PORTARIAS Nº1.060/2013 E Nº91/2013 DO MEC, **Subsídios para a elaboração da política nacional de educação bilíngue de surdos e formação bilíngue de professores Libras-Português**. Brasília, 2014. (no prelo).

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais na educação de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. (p. 103-113)

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 24 n. Especial, p. 81-100, jul./dez. 2006.

_____. Marcadores culturais surdos. In.: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (orgs.). **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. (p. 116-137)

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003. (p. 73-102)

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013a. (p. 7-32)

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

THOMA, Adriana da Silva. Educação Bilíngue para surdos no contexto da educação inclusiva. In: MORAES, Salette Campos de. (Org.). **Educação inclusiva: diferentes significados**. Porto Alegre - RS: Editora Evangraf, 2011. (p. 129-140)

_____. **Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo**. Porto Alegre: UFRGS/DEE, 2013. (Apostila da disciplina de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais)

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana L. Esquecer Foucault? **Pro-posições**, v. 25, n. 2, Campinas, maio/ago. 2014.